

O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento.



BOLETIM DE CONJUNTURA

BOCA

Ano VI | Volume 19 | Nº 55 | Boa Vista | 2024

<http://www.ioles.com.br/boca>

ISSN: 2675-1488

<https://doi.org/10.5281/zenodo.13357747>



ENTRE AMORAS E IDENTIDADES: UMA ANÁLISE INTERDISCIPLINAR À LUZ DAS TEORIAS DE BAKHTIN, FAIRCLOUGH, VYGOTSKY E PAULO FREIRE

Joice Nara Rosa Silva¹

Rogéria Fatima Madaloz²

Carla Rosane da Silva Tavares Alves³

Sirlei de Lourdes Lauxen⁴

Resumo

Este estudo investiga a obra “Amoras” de Emeicida (2018) à luz das teorias de Bakhtin, Fairclough, Vygotsky e Paulo Freire, explorando suas contribuições para uma compreensão mais profunda das dinâmicas sociais, culturais e identitárias presentes no texto. A análise se concentra na polifonia bakhtiniana, na Análise do Discurso Crítica de Fairclough, no desenvolvimento cognitivo segundo Vygotsky e na pedagogia crítica de Freire, examinando como a protagonista negocia sua identidade em um contexto urbano multicultural. O objetivo central é demonstrar como essas teorias podem ser aplicadas para analisar a construção da identidade da protagonista em “Amoras”. A metodologia empregada é qualitativa e interpretativa, utilizando uma abordagem hermenêutica para desvelar os significados subjacentes ao texto literário. As teorias de Bakhtin, Fairclough, Vygotsky e Freire servem como um arcabouço analítico, permitindo uma leitura meticulosa de “Amoras” e identificando elementos de polifonia, Análise do Discurso Crítica, desenvolvimento cognitivo e diálogo educacional na obra. Os resultados revelam que a protagonista é influenciada por diversas vozes e experiências que moldam sua identidade de maneira dinâmica e complexa. A aplicação dessas teorias evidencia como a polifonia bakhtiniana enriquece a narrativa ao incorporar perspectivas culturais e históricas diversas. Além disso, a Análise do Discurso Crítica demonstra como o uso da linguagem desafia e reconfigura narrativas sociais dominantes, fomentando uma reflexão profunda sobre poder e identidade. Conclui-se que “Amoras” transcende a mera narração de uma história, oferecendo uma reflexão significativa sobre a importância do diálogo, da diversidade e do empoderamento na construção tanto de identidades individuais quanto coletivas.

Palavras-chave: Amoras; Análise do Discurso Crítica; Desenvolvimento Cognitivo; Identidade Social e Cultural; Pedagogia Crítica.

Abstract

This study investigates the work “Amoras” by Emeicida (2018) in light of the theories of Bakhtin, Fairclough, Vygotsky and Paulo Freire, exploring their contributions to a deeper understanding of the social, cultural and identity dynamics present in the text. The analysis focuses on Bakhtinian polyphony, Fairclough's critical discourse analysis, cognitive development according to Vygotsky and Freire's critical pedagogy, examining how the protagonist negotiates her identity in a multicultural urban context. The central objective is to demonstrate how these theories can be applied to analyze the construction of the protagonist's identity in “Amoras”. The methodology used is qualitative and interpretative, using a hermeneutic approach to uncover the meanings underlying the literary text. The theories of Bakhtin, Fairclough, Vygotsky and Freire serve as an analytical framework, allowing a meticulous reading of “Blackberries” and identifying elements of polyphony, critical discourse analysis, cognitive development and educational dialogue in the work. The results reveal that the protagonist is influenced by different voices and experiences that shape her identity in a dynamic and complex way. The application of the theories highlights how Bakhtinian polyphony enriches the narrative by incorporating diverse cultural and historical perspectives. Furthermore, critical discourse analysis demonstrates how language use challenges and reconfigures dominant social narratives, fostering deep reflection on power and identity. It is concluded that “Amoras” transcends the mere telling of a story, offering a significant reflection on the importance of dialogue, diversity and empowerment in the construction of both individual and collective identities.

Keywords: Blackberries; Cognitive Development; Critical Discourse Analysis; Critical Pedagogy; Social and Cultural Identity.

¹ Doutoranda em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social pela Universidade de Cruz Alta (UNICRUZ). E-mail: joicergs@yahoo.com.br

² Doutoranda em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social pela Universidade de Cruz Alta (UNICRUZ). E-mail: rfmadaloz@gmail.com

³ Docente da Universidade de Cruz Alta (UNICRUZ). Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: ctavares@unicruz.edu.br

⁴ Docente da Universidade de Cruz Alta (UNICRUZ). Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: slauxen@unicruz.edu.br



INTRODUÇÃO

A inserção de projetos e atividades de caráter antirracista nos materiais didáticos e na literatura infantil tem se mostrado fundamental para modificar as representações da população negra e promover a igualdade racial no contexto educacional brasileiro. Segundo Lara de Freitas Severo (2013), em sua pesquisa “O negro nos livros didáticos: um enfoque nos papéis sociais”, ao longo da história do Brasil, o negro foi historicamente marginalizado, o que se reflete na desigualdade racial presente no ambiente educacional, manifestada através de tratamentos diferenciados entre alunos brancos e negros e da ausência de abordagens que valorizem as diversas culturas e etnias do país.

A Lei 10.639/2003, que altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, desempenhou um papel crucial ao incluir nos currículos escolares o ensino obrigatório da história e cultura africana e afro-brasileira. Este marco legal tem impulsionado mudanças significativas na forma como a literatura infantil é concebida e utilizada nas salas de aula, não apenas como uma ferramenta de entretenimento, mas como um instrumento educacional e social que influencia profundamente a formação das visões das crianças sobre a diversidade étnica e cultural.

A literatura infantil, ao introduzir narrativas que celebram a pluralidade étnica e desafiam estereótipos arraigados, não apenas enriquece as experiências de leitura das crianças, mas também amplia sua compreensão das complexidades sociais. Personagens diversos e histórias que exploram diferentes culturas oferecem às crianças a oportunidade de se identificarem com diferentes perspectivas, promovendo um senso de identidade e pertencimento que transcende as barreiras raciais.

Além disso, ao confrontar representações simplificadas ou negativas de grupos étnicos e raciais, a literatura infantil estimula o desenvolvimento do pensamento crítico desde uma idade precoce. Isso não apenas contribui para combater o racismo internalizado, mas também promove o respeito pela diversidade e a valorização das contribuições únicas de cada indivíduo para a sociedade.

A literatura infantil desempenha um papel importante na educação das crianças e, ao mesmo tempo, se posiciona como uma ferramenta poderosa na promoção de uma sociedade mais inclusiva e justa. Ao facilitar o diálogo sobre temas como justiça social, igualdade e inclusão desde a infância, os livros infantis não apenas fortalecem os laços familiares e comunitários, mas também educam as novas gerações sobre a importância de respeitar e valorizar a diversidade em um contexto global cada vez mais interligado. Este impacto educacional e social da literatura infantil é exemplificado pela obra “Amoras”, de Emicida, que se destaca ao abordar temas profundos como identidade, pertencimento e resistência cultural através da jornada da protagonista.



Este estudo propõe uma análise detalhada da construção da identidade na narrativa de “Amoras”, utilizando teorias acadêmicas como a polifonia de Bakhtin, a Análise do Discurso Crítica de Fairclough, a teoria sociocultural de Vygotsky e a pedagogia libertadora de Paulo Freire. Através dessas abordagens teóricas, investigamos como as interações sociais, os discursos predominantes e as representações culturais influenciam a formação da identidade da protagonista, oferecendo uma reflexão crítica sobre as complexidades da experiência cultural afro-brasileira na literatura infantil contemporânea.

A metodologia da pesquisa foi estruturada em múltiplas fases, começando com a definição clara do objetivo, que consistia em analisar a obra “Amoras” de Emeilda sob a perspectiva das teorias de Bakhtin, Fairclough, Vygotsky e Paulo Freire. O foco estava na construção da identidade, nas dinâmicas discursivas, no desenvolvimento cognitivo e na educação crítica.

Para estabelecer o arcabouço teórico, foi realizada uma revisão bibliográfica aprofundada das obras desses teóricos, caracterizando a pesquisa como bibliográfica. Esse processo foi fundamental para compreender como cada teórico aborda os temas centrais relacionados à identidade, discurso, desenvolvimento e educação. A seleção da obra “Amoras” foi fundamentada em sua relevância temática e na capacidade de dialogar com essas teorias, identificando elementos narrativos que permitissem a aplicação dos conceitos de polifonia, Análise do Discurso Crítica, interação sociocultural e pedagogia crítica.

A coleta de dados envolveu a leitura detalhada e repetida da obra, com a seleção de passagens que melhor exemplificassem os conceitos teóricos em questão. As citações foram escolhidas com base em sua relevância para a discussão sobre identidade, discurso, desenvolvimento e educação. Esta etapa é caracterizada como pesquisa qualitativa, pois foca na análise aprofundada dos textos e interpretações subjetivas.

Na fase de análise textual e discursiva, cada citação selecionada foi examinada à luz das teorias de Bakhtin, Fairclough, Vygotsky e Paulo Freire. A análise envolveu a identificação de elementos textuais e discursivos que refletiam as ideias desses teóricos e é definida como pesquisa interpretativa. A comparação e contraposição das teorias foram realizadas para destacar as perspectivas únicas oferecidas por cada uma, revelando camadas de significado presentes na obra.

Os resultados da análise foram organizados em temas principais, como a construção da identidade, a relação entre discurso e poder, o papel das interações sociais no desenvolvimento cognitivo e a educação crítica. A integração das diferentes perspectivas teóricas permitiu uma compreensão mais profunda da obra, evidenciando a pesquisa aplicada. A discussão também contextualizou os resultados dentro do ambiente social e cultural da obra, abordando questões de representatividade e empoderamento.



A pesquisa foi concluída com uma síntese dos achados, ressaltando a relevância das teorias para a compreensão da obra “Amoras” e destacando a contribuição da pesquisa para a discussão mais ampla sobre literatura infantil, identidade racial e educação crítica.

Assim, “Amoras” exemplifica como a literatura infantil pode servir como uma plataforma eficaz para promover a identidade cultural e a diversidade. Esta análise teórica integrativa demonstra como diferentes perspectivas teóricas enriquecem nossa compreensão da complexidade da experiência afro-brasileira na narrativa infantil. Este estudo contribui significativamente para o campo da literatura infantil ao enfatizar o papel crucial de obras como “Amoras” na formação de crianças conscientes, críticas e culturalmente engajadas, preparando-as para um mundo global cada vez mais diverso e interconectado.

CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE SOCIAL

O processo de construção da realidade social é profundamente influenciado pela interação com o Outro, revelando relações desiguais de poder que moldam as maneiras pelas quais os diversos sujeitos sociais se relacionam. Nesse contexto, a noção de representação social torna-se essencial para a análise. Segundo Deschamps e Moliner (2014), as percepções que um indivíduo tem sobre sua própria evolução e sua comparação com os outros baseiam-se nos conhecimentos disponíveis tanto sobre si mesmo quanto sobre os outros, fundamentando-se em representações identitárias. Novas experiências e interações sociais podem transformar essas representações, que desempenham um papel crucial na autopercepção e na percepção dos membros dos endogrupos e exogrupos. Assim, as representações identitárias estão intimamente ligadas ao sentimento de identidade, servindo tanto como suporte quanto como resultado desse sentimento (DESCHAMPS; MOLINER, 2014, p. 23).

A transformação no Brasil deve ser tridimensional, abrangendo os campos acadêmico, educacional e social. No domínio acadêmico, a promoção de uma estratégia que enfrente o racismo e o sexismo estruturais requer a formação de uma identidade política nacional que não apenas reconheça essas injustiças, mas que também trabalhe ativamente para desmantelá-las. Isso implica revisar e reformular os currículos, as práticas de pesquisa e os espaços de conhecimento, para garantir que reflitam e valorizem as experiências, histórias e contribuições das mulheres negras. No âmbito educacional, a estratégia deve visar à construção, legitimação e disseminação de princípios de igualdade e inclusão social que sejam sensíveis e adaptados às realidades locais, promovendo a inclusão ativa das populações negras e femininas em debates e decisões políticas. Isso requer um compromisso com uma educação que vá além do formal, adotando abordagens pedagógicas que reconheçam e celebrem a



diversidade cultural e histórica do Brasil. Finalmente, no que tange ao progresso social, é fundamental um movimento coletivo para engajar tanto instituições quanto a sociedade civil na luta contra os vestígios da colonialidade, com um foco particular em dismantelar as estruturas de racismo e sexismo que ainda prevalecem (CABRAL *et al.*, 2024, p. 09).

As representações sociais frequentemente se vinculam à produção de estereótipos, que reforçam marcações simbólicas sobre como se entende o outro e suas diversas identidades. Esses estereótipos são simplificações que permitem definir e caracterizar um grupo de maneira rápida e econômica no plano cognitivo, decorrendo do processo de categorização social, o qual acentua as semelhanças intragrupo (DESCHAMPS; MOLINER, 2014, p. 35).

No que tange à representação negra na literatura, percebe-se a reprodução de projeções identitárias preconceituosas e excludentes, que vão além do ficcional. Tomaz Tadeu Silva (2012) alerta sobre a visão de identidades fixas e inalteráveis, sugerindo que as identidades são construídas a partir das diferenças, em um contexto de poder simbólico. As identidades negras representadas na literatura muitas vezes reforçam estereótipos e subalternizações, como o papel de criada, serviçal ou personagem travessa. A população negra, que é a maioria numérica no Brasil, encontra-se sub-representada na literatura canônica brasileira, com poucos personagens, versos, cenas ou histórias fixadas no repertório literário nacional e na memória dos leitores (DUARTE, 2013, p. 146).

Esse cenário evidencia uma dinâmica de opressão que perpetua o ódio e a exclusão, refletindo uma crítica mais ampla às estruturas sociais que marginalizam indivíduos e grupos. Segundo Fortunato (2023, p. 07), “esse ódio direcionado ao ser humano, aliás, a um ser humano que buscava libertar as pessoas do próprio sistema que gera ódio, é basilar evidência de como funciona a aparofobia, a xenofobia, a homofobia, a misoginia. Enfim, todos os qualitativos que promovem, basicamente, aversão à própria humanidade.” Assim, a literatura se torna um campo não apenas de representação, mas também de luta contra essas forças excludentes, ao mesmo tempo em que revela a necessidade urgente de uma reconfiguração das narrativas que envolvem as identidades negras e sua expressão no cenário literário brasileiro.

A literatura, como um espaço de produção de saberes e poderes, pode contribuir para questionamentos sociais, embora não se acredite ingenuamente que ela possa transformar a sociedade sozinha (DALCASTAGNÈ, 2017, p. 11). A discussão sobre a inserção da identidade negra na literatura visa destacar a importância de personagens negros e obras de autoria negra nas prateleiras das escolas e bibliotecas, superando as omissões críticas que a historiografia literária canônica reservou a eles (DUARTE, 2013, p. 147).



Historicamente, a literatura brasileira, tanto para adultos quanto para crianças, não tem valorizado a diversidade humana, revelando uma produção monocromática que desconsidera narrativas importantes dos sujeitos negros. A ausência de autores negros nos manuais literários aponta para critérios críticos eurocêntricos que excluem experiências e vozes dissonantes, rotulando-as como fora dos padrões de qualidade ou estilo (DUARTE, 2003, p. 146). A invisibilidade das personagens negras e a não-autorização discursiva reforçam estereótipos e padrões socioculturais, perpetuando a subalternidade (SILVA, 2012, p. 83; ABRAMOVICH, 2008 *apud* SOUZA; OLIVEIRA, 2015).

Na literatura infantil, a falta de protagonismo negro é ainda mais acentuada. Obras com protagonistas negros, que rompem com as tradições hegemônicas, são raramente popularizadas. A representação identitária é crucial na Educação Infantil para a formação da personalidade e o desenvolvimento intelectual, cognitivo, cultural e social da criança (GOMES, 2003). No entanto, a literatura infantil brasileira ainda carece de diversidade temática e autoral, perpetuando estereótipos e negligenciando a valorização das tradições e narrativas da população negra.

Apesar da variedade de obras e autores, a promoção de uma literatura diversificada ainda é limitada no contexto brasileiro. Zilberman (2007) argumenta que a predominância de um projeto de modernização e o ideal de branqueamento cultural contribuíram para a homogeneização das histórias e a exclusão de questões relacionadas à diversidade cultural e étnico-racial. Isso perpetua preconceitos e o desconhecimento do legado africano na sociedade brasileira (DUARTE, 2013, p. 148).

É fundamental que a literatura infantil brasileira expanda seu universo retratado, garantindo que todas as crianças, especialmente as negras, possam se identificar em diversos espaços sociais. A literatura deve promover a diversidade e as diferenças, valorizando o autorreconhecimento e oferecendo representações significativas. Para isso, é necessário garantir a diversidade temática, autoral e crítico-reflexiva nas obras literárias, indo além do que é majoritariamente ofertado pelas publicações clássicas e hegemônicas.

As produções literárias infantis, apoiadas por ações afirmativas e inspiradas pela militância no movimento negro, desempenham um papel crucial na discussão e ressignificação de práticas discursivas e não discursivas nas salas de aula. A promulgação da Lei nº 10.639/2003, que tornou obrigatória a inclusão da história e cultura afro-brasileira no currículo escolar, e sua ampliação pela Lei nº 11.645/2008, que incluiu as literaturas indígenas, representaram passos significativos para a abertura editorial a autores e temáticas negras.

Para este estudo, utilizaremos a obra “Amoras” de autoria de Emicida (2018). Embora seja uma história breve e simples, ela é rica em conteúdo que merece análise detalhada, pois apresenta uma visão sensível e poética do desenvolvimento da identidade social infantil, explorando o pensamento puro e



inocente das crianças desde o nascimento. Segundo o autor, “o choro ao nascer é uma expressão de afastamento de uma entidade divina, seja Alá, Orixá ou qualquer outro nome atribuído a um único Deus” (EMICIDA, 2018, p. 3).

A história se desenrola em um pomar, onde um pai explica à sua filha, enquanto colhem amoras, que “as pretinhas são as melhores”. A euforia da menina ao ouvir isso a leva a uma reflexão significativa: ela compara a cor e a doçura das amoras à sua própria pele, afirmando com orgulho: “Papai, que bom, porque sou pretinha também!”. Esse momento simples, mas poderoso, é carregado de significado ideológico e semiótico, refletindo as vozes do passado e a construção de uma identidade positiva.

ANÁLISE E DISCUSSÃO

A narrativa apresentada por Emicida (2018) aborda o conceito de inocência e pureza nas crianças desde o momento do nascimento. De acordo com o autor, o choro ao nascer é interpretado como uma expressão de saudade de Alá ou Orixá, independentemente do nome atribuído, visto como uma representação singular de Deus. Esse simbolismo inicial estabelece um contexto profundo para a jornada da protagonista ao longo da história.

A trama se desenrola em um passeio por um pequeno pomar, onde o pai, ao colher amoras, instrui a filha sobre a superioridade das amoras de tonalidade escura, declarando que as “pretinhas são as melhores”. Nesse momento de entusiasmo, a protagonista reflete e alcança uma conclusão que considera notável, demonstrando uma força semelhante à de um lutador de ringue e à gentileza de Martin Luther King. A determinação com que ela recolhe as amoras dos galhos e do chão sugere um crescimento interior e uma conscientização sobre sua própria identidade. Diante desse cenário, a figura histórica de Zumbi dos Palmares é evocada, sugerindo que, ao testemunhar tal cena, ele afirmaria: “Nada foi em vão” (EMICIDA, 2018, p. 14-16).

Esse pensamento se conecta à declaração da menina ao olhar para o pai e exprimir: “Papai, que bom, porque sou pretinha também!”, estabelecendo uma analogia entre a coloração e a doçura das amoras e a tonalidade de sua própria pele (EMICIDA, 2018, p. 14-16). Esse momento revela uma conexão profunda entre a natureza e a autoaceitação, destacando a importância da identidade negra na vida da protagonista.

O signo ideológico presente no ato de colher amoras transforma um gesto simples em um significado mais profundo. Para a protagonista, esse momento carrega um peso semiótico e ideológico, ressoando vozes do passado que influenciam sua compreensão de si mesma e de seu lugar no mundo.



“Amoras” é uma história pequena e simples, mas repleta de significados que serão analisados ao longo do texto.

Ao considerar “Amoras” sob o prisma das teorias de Bakhtin, Fairclough, Vygotsky e Paulo Freire, os resultados revelam as influências que formam a identidade de Pretinha. A partir da teoria de Bakhtin (2020), podemos perceber a importância da polifonia na construção identitária da jovem. Bakhtin destaca que a identidade é formada por uma combinação de vozes sociais internas, e “Amoras” ilustra isso através das interações da menina com seu pai e as reflexões que essas interações provocam.

A análise de Fairclough (2023) contribui com uma perspectiva crítica ao enfatizar que as práticas discursivas na obra não apenas refletem a realidade, mas também a transformam. Assim, a história de “Amoras” desafia estereótipos e normas sociais, promovendo uma reflexão crítica sobre questões identitárias e sociais. Nesse sentido, Emicida valoriza a diversidade e desconstrói narrativas hegemônicas, reforçando a importância da autoaceitação e da identidade na formação do eu.

A perspectiva de Vygotsky (2018) sobre o desenvolvimento humano enfatiza o papel crucial das interações sociais e culturais. Na narrativa, as interações da menina com seu pai e a significação das amoras como símbolo de identidade positiva exemplificam como o ambiente sociocultural molda a percepção de si mesma da protagonista. A pedagogia de Paulo Freire (2022) ressoa na obra ao promover a conscientização e a reflexão crítica. “Amoras” convida os leitores a valorizar a diversidade e a empoderar-se, desafiando estereótipos e celebrando as diferenças.

A abordagem de Vygotsky (2018) destaca a importância das interações sociais e culturais no desenvolvimento humano, evidenciando o papel crucial das influências externas na construção da identidade de Pretinha. Conforme Fairclough (2023), o ser humano é constituído por meio da alteridade, com suas atividades e papéis imbuídos do discurso de outros. A protagonista da história pode brincar e colher frutinhas graças às lutas dos antepassados que buscaram a liberdade, desafiando narrativas hegemônicas e promovendo a valorização da diversidade. A construção da identidade individual, conforme argumentado por Moita Lopes (2020), é formada pelas múltiplas vozes históricas que lutaram pela liberdade. Assim, “Amoras” não é apenas uma narrativa envolvente, mas também um reflexo do impacto do ambiente sociocultural na formação identitária da protagonista.

Na obra “Amoras”, a pedagogia de Paulo Freire (2022) é evidenciada por meio de elementos que promovem a conscientização crítica e a valorização da diversidade. A narrativa atua como recurso educativo que transcende a mera transmissão de conhecimento, estimulando os leitores a questionar estereótipos e a refletir sobre as complexidades da identidade. Ao abordar questões sociais pertinentes, o texto contribui para o empoderamento dos leitores e favorece uma compreensão mais aprofundada da diversidade cultural.



A personagem Pretinha, que ocupa o papel central na narrativa, serve como instrumento para explorar e celebrar a multiplicidade das identidades, incentivando o leitor a reconhecer o valor inerente a essas diferenças. Dessa forma, a obra alinha-se com a abordagem freireana, que considera a educação um meio fundamental de transformação social e construção de uma consciência crítica.

Fortunato (2023, p. 7) afirma que “educar seria um meio fundamental de incluir essas pessoas no mundo; daí a utopia”. Embora a educação não forneça soluções imediatas para a pobreza e a miséria, e a desconstrução de estereótipos, ela representa um caminho gradual para a transformação da sociedade, sustentando a esperança de um futuro mais justo e inclusivo. A narrativa de “Amoras” ilustra como a educação pode atuar como instrumento na promoção da diversidade e na formação de uma consciência crítica, em consonância com as ideias de Freire e Fortunato.

Freire (2022) enfatiza a importância de uma educação libertadora e crítica. Nesse contexto, “Amoras” promove uma reflexão que desafia conceitos preestabelecidos de beleza, identidade e valores sociais. O livro, portanto, não se limita à narrativa, mas se transforma em uma ferramenta que desperta a consciência crítica dos leitores. Ao fomentar a reflexão sobre questões sociais, identitárias e culturais, “Amoras” contribui significativamente para a construção de uma sociedade mais igualitária e consciente, alinhando-se com os princípios da pedagogia freireana.

Ademais, conforme Freire (2022), é fundamental considerar o indivíduo em sua totalidade, uma vez que o que é inerente ao ser humano não pode ser suplantado por nenhum dos elementos cruciais de sua existência, especialmente seu papel como sujeito histórico e cultural. Sob essa perspectiva, é importante reconhecer a dualidade presente nos atos discursivos, que podem seguir rotas convencionais ou explorar caminhos inovadores e dinâmicos, contribuindo para a transformação da sociedade (FAIRCLOUGH, 2023). Uma prática social fundamentada apenas em ideologias formalistas não permite o exercício de práticas críticas e libertadoras, pois instrumentaliza o sujeito para operar em um contexto meramente subserviente, consumista, individualista e capitalista (FREIRE, 2022).

Para Mikhail Bakhtin, o processo de desenvolvimento do pensamento e da linguagem ocorre através do diálogo, um conceito central em sua teoria. A mente humana, especialmente a de uma criança, é vista como um espaço onde múltiplas vozes, influências e discursos se encontram e se confrontam. Nesse contexto, o pensamento não é um processo linear ou isolado, mas sim uma “dança” dinâmica, moldada pela interação com o outro e com o ambiente sociocultural.

A mente da criança, sendo ainda em formação e altamente receptiva, funciona como um “palco” para essa dança de pensamentos. Segundo Bakhtin, a criatividade e a flexibilidade são características inerentes ao pensamento infantil, que se expressa de maneira polifônica, ou seja, através de uma multiplicidade de vozes que refletem as diferentes influências que a criança absorve do seu entorno.



Bakhtin argumenta que a linguagem e o pensamento são sempre mediados pelo social; eles não existem no vácuo, mas são continuamente construídos e reconstruídos nas interações com os outros. Isso é especialmente evidente na mente das crianças, que ainda estão desenvolvendo suas capacidades de compreensão e expressão, e que, por isso, tendem a experimentar e brincar com ideias e conceitos de maneira mais livre e criativa.

Assim, a citação de Emicida pode ser interpretada como uma celebração dessa capacidade inerente à mente infantil de operar em um estado de constante descoberta e inovação. Ao visualizar a mente das crianças como um palco onde o pensamento dança, podemos entender isso como uma metáfora para a natureza fluida e aberta do processo de cognição, que, segundo Bakhtin, é essencialmente dialógico e em constante evolução.

Portanto, o pensamento que “dança” na mente das crianças, de acordo com a teoria bakhtiniana, é o resultado de um processo rico e dinâmico de interação com o mundo ao redor, onde múltiplas vozes e perspectivas se encontram e se transformam, levando à formação de novas ideias e compreensões.

Fairclough (2023) complementa essa visão ao argumentar que o discurso não é apenas uma expressão de ideias individuais, mas também um reflexo das estruturas de poder e das ideologias dominantes na sociedade. Segundo Fairclough (2023, p. 5), “o discurso pode ser visto como uma forma de ação social, uma forma de fazer coisas e de fazer as coisas de maneira específica”. Nesse sentido, o pensamento das crianças, como expresso por Emicida, não apenas reflete sua imaginação e criatividade, mas também incorpora e responde às narrativas culturais e sociais que permeiam seu ambiente.

A noção de que o discurso não é apenas uma expressão pessoal, mas um reflexo das estruturas de poder e ideologias dominantes, é amplamente corroborada por autores como Van Dijk (2020, p. 112), que reforça essa visão ao afirmar que “o discurso é um meio pelo qual ideologias são reproduzidas e contestadas, refletindo e moldando as relações de poder na sociedade”. Wodak (2023, p. 54) evidencia que “a Análise do Discurso Crítica revela como as práticas discursivas tanto refletem quanto contribuem para a construção das ideologias e estruturas de poder existentes”. Assim, a forma como as crianças expressam suas ideias, como exemplificado por Emicida, não apenas revela suas perspectivas criativas e imaginativas, mas também está imersa nas narrativas culturais e sociais que moldam seu entendimento e interação com o mundo ao seu redor.

Paulo Freire (2022), em sua pedagogia libertadora, oferece uma perspectiva sobre como o pensamento crítico e reflexivo pode ser cultivado desde a infância. Freire (2022) argumenta que a educação deve capacitar os indivíduos a ler o mundo e intervir nele de maneira consciente e transformadora. Para Freire (2022), “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades



para a sua própria produção ou a sua construção” (FREIRE, 2022, p. 25), destacando a importância de um ambiente educacional que promova a autonomia e a capacidade de questionamento das crianças.

Vygotsky (2018) contribui para essa discussão ao enfatizar a importância das interações sociais e culturais no desenvolvimento cognitivo das crianças. Vygotsky (2018) propõe a ideia de que “o desenvolvimento do pensamento e da linguagem infantil é um produto das relações sociais da criança com as pessoas significativas ao seu redor” (VYGOTSKY, 2018, p. 90). Portanto, as interações das crianças com adultos e pares não apenas facilitam a aquisição de habilidades cognitivas, mas também formam suas capacidades de pensar de maneira complexa e crítica.

A citação de Emicida sublinha a importância do pensamento infantil como um espaço de potencial criativo e reflexivo. Ao integrar as perspectivas de Bakhtin, Fairclough, Paulo Freire e Vygotsky, podemos compreender melhor como as crianças não apenas absorvem conhecimento e experiências, mas também participam ativamente na construção de sua própria compreensão do mundo, influenciadas pelas interações sociais, pelas estruturas de poder discursivas e pela educação que recebem.

Porque choramos ao chegar? Dizem que por nos afastar de Deus, que é o que os muculmamos chamam de Alá. Nesse planeta, Deus tem tanto nome diferente que, pra facilitar, decidiu morar nos olhos da gente (EMICIDA, 2018, p. 3-4).

157

Do ponto de vista bakhtiniano, a citação reflete a polifonia, revelando múltiplas vozes e perspectivas que coexistem e interagem. Bakhtin (2020) argumenta que a linguagem é um campo de diálogo entre diferentes vozes sociais e culturais, o que é evidente na maneira como Emicida integra diversas visões sobre a divindade e a experiência humana. A noção de que Deus possui “tantos nomes diferentes” e reside “nos olhos da gente” sugere um diálogo entre diferentes tradições religiosas e culturais, refletindo a heteroglossia que Bakhtin considera essencial para a construção de significado (BAKHTIN, 2020, p. 272). Segundo Bakhtin, essa diversidade de vozes enriquece a compreensão e promove uma dialogicidade que desafia a uniformidade e as narrativas dominantes.

Todorov (2020) enfatiza que a noção de heteroglossia de Bakhtin envolve a interação de diversas vozes que criam uma compreensão mais rica e dinâmica de textos e contextos. Morson e Emerson (2021) também discutem como a ideia de dialogismo de Bakhtin fornece uma estrutura para entender como múltiplas perspectivas interagem e influenciam umas às outras dentro dos textos, desafiando, assim, narrativas e ideologias dominantes. Além disso, Holquist (2022) destaca que a ênfase de Bakhtin na polifonia ressalta a importância de incorporar várias vozes para promover um diálogo mais inclusivo e multifacetado.



A partir da perspectiva de Fairclough, a colocação acima exemplifica como o discurso pode refletir e desafiar as ideologias dominantes. Fairclough (2023) argumenta que o discurso não é apenas um reflexo das condições sociais, mas também uma forma de ação social que pode tanto reforçar quanto subverter estruturas de poder. A maneira como Emicida aborda a divindade, ao mesclar diferentes tradições religiosas e sugerir uma presença universal e acessível de Deus, pode ser vista como um desafio às concepções exclusivistas e às hegemônias religiosas. Wodak (2023) enfatiza que o discurso crítico pode desestabilizar e reconfigurar as narrativas dominantes ao introduzir novas perspectivas e significados, alinhando-se com a abordagem de Fairclough sobre o papel do discurso na dinâmica de poder. Segundo Gee (2021), a integração de múltiplos significados e perspectivas em um discurso oferece novas formas de entender e contestar as normas estabelecidas, promovendo uma reflexão crítica sobre as ideologias e práticas sociais.

Vygotsky (2018), ao focar no papel da cultura na formação do pensamento, mostra como as diferentes interpretações sobre Deus são moldadas pela cultura, influenciando a compreensão da realidade desde o nascimento. Já para Paulo Freire (2022), isso representa uma oportunidade para valorizar a diversidade cultural e promover o diálogo intercultural. Ele enfatizaria a necessidade de compreender e respeitar as múltiplas manifestações culturais e religiosas presentes na sociedade.

Em conjunto, essas análises mostram como a citação reflete a diversidade de perspectivas, crenças e interpretações culturais sobre um tema comum, ressaltando a importância de reconhecer e respeitar essa pluralidade de visões de mundo.

E os pensamentos dos pequenos, como surgem? Com olhos de jabuticaba e cabelo de nuvem. Vão espalhando toda a beleza por aí. Me esforço para ensinar, mas foi com eles que aprendi (EMICIDA, 2018, p. 8).

Bakhtin (2020), conhecido por sua ênfase na polifonia e na multiplicidade de vozes, interpreta essa ideia como uma representação das diversas maneiras pelas quais as crianças percebem e expressam seu mundo interior. A metáfora dos olhos de jabuticaba e do cabelo de nuvens pode ser compreendida como uma manifestação da diversidade e originalidade do pensamento infantil, que se expressa de forma criativa e singular. Mikhail Bakhtin (2020) enfatiza que a polifonia permite a interação e o entrelaçamento de múltiplas vozes sociais e culturais, resultando em uma tapeçaria rica de significados.

Nesse contexto, Todorov (2020) reforça que a ideia de heteroglossia em Bakhtin descreve como diferentes vozes e perspectivas contribuem para a construção do significado, refletindo a diversidade do pensamento e da expressão. Morson e Emerson (2021) também afirmam que Bakhtin vê a criatividade e a originalidade na linguagem como fundamentais para a expressão da identidade e da experiência,



ressaltando como metáforas e imagens evocativas são utilizadas para transmitir a complexidade do pensamento e da percepção. Além disso, Holquist (2022) destaca que a dialogicidade de Bakhtin não apenas acolhe a diversidade de vozes, mas também celebra a maneira como essas vozes únicas contribuem para uma compreensão mais rica e multifacetada do mundo. A metáfora usada por Emicida, portanto, pode ser vista como um exemplo de como a linguagem infantil reflete a polifonia e a criatividade descritas por Bakhtin, oferecendo uma visão mais profunda e diversificada da experiência humana.

Fairclough (2023), através da Análise do Discurso Crítica, destaca como a linguagem pode ser uma forma de ação social que não apenas reflete, mas também influencia a maneira como percebemos e interagimos com o mundo. A citação de Emicida, que descreve os pensamentos das crianças com metáforas poéticas, ilustra como a linguagem infantil possui um valor único e encantador, oferecendo uma perspectiva rica e inovadora sobre o mundo. Fairclough (2023) argumenta que “a linguagem poética e expressiva pode desafiar e expandir nossas percepções sociais ao destacar as vozes frequentemente marginalizadas ou subestimadas.”

Essa visão é corroborada por Gee (2021), que enfatiza como a linguagem, especialmente quando usada de maneira criativa e poética, pode proporcionar novas formas de compreensão e expressão das experiências individuais e coletivas. Gee (2021) argumenta que a linguagem é fundamental para construir e compartilhar significados que vão além das interpretações convencionais, permitindo uma visão mais diversificada e profunda das perspectivas das crianças (GEE, 2021, p. 29). Isso significa que o discurso poético e expressivo, como o apresentado por Emicida, pode revelar aspectos únicos da experiência humana e promover uma reflexão crítica sobre as normas e práticas sociais estabelecidas. Além disso, Wodak (2019) observa que a Análise do Discurso Crítica permite explorar como a linguagem pode funcionar tanto para reforçar quanto para desafiar as ideologias dominantes, destacando a importância de reconhecer e valorizar as perspectivas alternativas e criativas presentes nas expressões individuais (WODAK, 2023, p. 85).

Vygotsky (2018), centrado no papel das interações sociais e culturais no desenvolvimento cognitivo, ressalta a importância do ambiente na formação do pensamento infantil, vendo essa expressão como uma representação da influência do ambiente cultural e das interações na maneira como as crianças concebem e comunicam seus pensamentos. Paulo Freire (2022), defensor de uma educação libertadora, valoriza a singularidade do pensamento das crianças. A ideia de que, ao ensinar, também se aprende com os pensamentos e percepções dos pequenos ressalta a importância de um diálogo educacional que considere a riqueza das experiências e ideias das crianças.



Em conjunto, essas interpretações mostram como a citação destaca a originalidade, a beleza e a riqueza do pensamento infantil, enfatizando a necessidade de valorizar e aprender com a perspectiva das crianças.

Em um passeio com a pequena no pomar, explicou que as pretinhas são o melhor que há. Amoras penduradas a brilhar, quanto mais escuras mais doces. Pode acreditar (EMICIDA, 2018, p. 10).

Já para Vygotsky (2018), centrado no papel das interações sociais e culturais no desenvolvimento cognitivo, ressalta a importância do ambiente na formação do pensamento infantil, vendo essa expressão como uma representação da influência do ambiente cultural e das interações na maneira como as crianças concebem e comunicam seus pensamentos. Paulo Freire (2022), defensor de uma educação libertadora, valoriza a singularidade do pensamento das crianças. A ideia de que, ao ensinar, também se aprende com os pensamentos e percepções dos pequenos, ressalta a importância de um diálogo educacional que considere a riqueza das experiências e ideias das crianças.

Em conjunto, essas interpretações mostram como a citação destaca a originalidade, a beleza e a riqueza do pensamento infantil, enfatizando a necessidade de valorizar e aprender com a perspectiva das crianças. Morson e Emerson (2021) corroboram essa ideia ao afirmarem que,

Bakhtin conceives identity not as an interior monologue, but as a field of continuous dialogue between diverse voices and cultural influences. Identity is shaped by a complex interaction of different perspectives and social contexts, which results in a multifaceted and dynamic consciousness (MORSON; EMERSON, 2021, p. 105).

Essa perspectiva reforça a noção de que a metáfora utilizada por Emicida reflete a riqueza e a complexidade da experiência e da identidade formativa da protagonista, alinhando-se com a teoria bakhtiniana da polifonia. Fairclough (2023), através da Análise do Discurso Crítica, destaca como a explicação de Emicida transcende uma simples descrição das amoras. Para Fairclough, o discurso não apenas reflete, mas também constrói e contesta relações de poder na sociedade. Ao desafiar os padrões estabelecidos sobre a doçura das amoras e valorizar a diversidade de suas cores, Emicida promove uma reflexão crítica sobre conceitos pré-concebidos. Fairclough argumenta que “o discurso é um meio de ação social” (FAIRCLOUGH, 2023, p. 45), implicando que narrativas como essa podem influenciar percepções e práticas sociais, especialmente no contexto educacional. Gee (2021) também explora essa ideia ao afirmar que “o discurso não é simplesmente um reflexo passivo da realidade social, mas um meio ativo de construção e contestação de significados sociais. Através do discurso, indivíduos e grupos não apenas representam a realidade, mas também negociam e moldam suas próprias identidades e as



normas sociais predominantes. A utilização de metáforas e a reinterpretação de conceitos são formas através das quais o discurso pode desafiar e transformar as percepções e práticas estabelecidas” (GEE, 2021, p. 41). Esse ponto de vista reforça a ideia de que a narrativa de Emicida pode ter um impacto significativo sobre as normas sociais e educacionais ao questionar e redefinir conceitos pré-concebidos.

Vygotsky (2018), focado nas interações sociais e culturais na formação da identidade, interpretaria a explicação de Emicida como uma demonstração da influência do ambiente sociocultural na compreensão da criança. As explicações sobre as amoras no pomar não apenas informam a criança, mas também moldam sua visão de mundo, conectando-a às práticas culturais e sociais da comunidade. Vygotsky propõe que “a aprendizagem precede o desenvolvimento” (VYGOTSKY, 2018, p. 56), sugerindo que experiências como essa são fundamentais para o crescimento intelectual e emocional das crianças.

Paulo Freire (2022), defensor de uma educação crítica e conscientizadora, veria na explicação de Emicida um exemplo de diálogo educacional que promove a autonomia e o entendimento crítico da criança. Ao explicar a doçura das amoras com base na cor, Emicida não apenas compartilha conhecimento, mas também encoraja a reflexão crítica sobre diversidade e aceitação. Freire enfatiza que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou construção” (FREIRE, 2022, p. 32), destacando como interações como essa no ambiente educacional podem empoderar as crianças na construção de significados e identidades pessoais.

Essas análises ressaltam que a explicação de Emicida sobre as amoras no pomar não é apenas uma descrição literal, mas contém camadas de significado que refletem a interação da criança com seu ambiente, as influências culturais e as relações sociais que a cercam. Essa interação não só informa, mas também educa, moldando perspectivas e incentivando uma compreensão mais profunda e crítica do mundo.

“Então a alegria acende os olhos da menina; que conclusão incrível alcançou a pequenina?” (EMICIDA, 2018, p. 10). Esta citação revela um momento de significativa descoberta ou compreensão para a menina, como sugere Emicida (2018). Esse instante pode ser interpretado à luz das teorias de Bakhtin, Fairclough, Vygotsky e Paulo Freire, cada um oferecendo uma perspectiva valiosa sobre o desenvolvimento cognitivo e social da criança.

Para Bakhtin, “cada consciência individual é essencialmente polifônica” (BAKHTIN, 2020, p. 78), o que sugere que a compreensão de um indivíduo, como a identidade da Amora, é profundamente enriquecida por suas interações sociais e culturais. Essa polifonia implica que as vozes que compõem a experiência de vida da menina não são homogêneas, mas, ao contrário, refletem uma multiplicidade de influências que moldam sua percepção de mundo. As interações sociais que a Amora vivencia, seja com



familiares, amigos, educadores ou até mesmo personagens de histórias que lê, desempenham um papel crucial na formação de sua identidade e na construção de seu entendimento sobre si mesma e sobre os outros. Cada uma dessas vozes contribui com diferentes perspectivas e significados, permitindo que a menina desenvolva um senso de pertencimento e uma capacidade crítica para navegar nas complexidades de sua realidade.

Fairclough (2023), focado na Análise do Discurso Crítica, identifica esse momento como um ponto de virada na narrativa, onde algo significativo é revelado ou compreendido pela menina. Ele argumenta que o discurso não só reflete, mas também constitui realidades sociais, desafiando narrativas predominantes e valorizando a diversidade de perspectivas (FAIRCLOUGH, 2023, p. 102). Gee (2021) também destaca que “os discursos são parte do mundo social que ajudamos a criar através do uso da linguagem. Eles não são apenas representações do mundo, mas também constituem o mundo social através das nossas práticas discursivas” (GEE, 2021, p. 118). Isso implica que a linguagem tem um papel ativo na formação e transformação das realidades sociais e pode desafiar as normas e práticas estabelecidas. O discurso, portanto, não é apenas uma ferramenta de comunicação, mas uma força que molda e reconfigura a compreensão social e as relações de poder. “Ao utilizar a linguagem de maneiras inovadoras, as narrativas podem não apenas refletir, mas também influenciar e alterar a forma como percebemos e interagimos com o mundo” (GEE, 2021, p. 118).

Para Vygotsky, “o desenvolvimento cognitivo ocorre através da interação social e cultural” (VYGOTSKY, 2018, p. 45), o que implica que as interações da menina com seu ambiente são cruciais para sua compreensão de si mesma e do mundo ao seu redor. Essa perspectiva enfatiza que o aprendizado não é um processo isolado, mas sim um fenômeno social que acontece em contextos específicos, onde a cultura e as relações sociais desempenham papéis fundamentais. As interações sociais, como as que Amora estabelece com seu pai e por meio das histórias que lhe são contadas, são fundamentais para o desenvolvimento de suas habilidades cognitivas. Através dessas relações, Amora não apenas absorve conhecimento, mas também constrói significados e interpretações sobre sua realidade. Nesse contexto interativo, a linguagem emerge como um dos principais instrumentos mediadores do pensamento, sendo adquirida e desenvolvida de maneira contínua, o que possibilita à menina expressar-se e comunicar-se de forma eficaz.

Freire enfatiza que “ensinar exige o reconhecimento de que a educação é um ato político” (FREIRE, 2022, p. 71), o que sugere que o processo educativo envolve uma responsabilidade social e crítica. Nesse sentido, o momento de descoberta vivenciado pela menina não apenas ilumina seus olhos, mas também potencializa sua capacidade de refletir criticamente sobre suas experiências e aprendizados. Esse momento de descoberta, conforme proposto por Emerica, pode ser interpretado como uma junção



de emoção e cognição, onde a alegria não é apenas uma reação superficial, mas uma manifestação do engajamento da menina com seu processo de aprendizagem. À medida que ela alcança novas compreensões, essa alegria reflete não só a satisfação pessoal, mas também um avanço em sua capacidade de questionar e criticar o mundo ao seu redor.

Assim, a educação, como um ato político defendido por Freire, torna-se um meio de empoderamento, permitindo que a menina Amora reconheça sua voz e seu papel na sociedade. Ao assimilar e processar as informações que lhe são apresentadas, ela não apenas se apropria de conhecimentos, mas também desenvolve um senso de agência e autonomia, essenciais para sua formação como cidadã crítica e consciente.

Essa análise ressalta como a citação de Emicida indica um momento de descoberta ou aprendizado significativo para a menina, refletindo uma compreensão ou realização que desperta sua alegria e ilumina seu olhar. Cada perspectiva teórica oferece possibilidades sobre como interações sociais, discurso, desenvolvimento cognitivo e educação crítica contribuem para a formação da identidade e o entendimento do mundo pela criança.

Na citação, “Forte como um lutador de ringue. E gentil como Martin Luther King, ela apanha as amoras dos galhos e do chão. Ao vê-la, Zumbi dos Palmares diria: - Nada foi em vão” (EMICIDA, 2018, p. 14), a protagonista é descrita como uma figura que combina força e gentileza, características reconhecidas e valorizadas na narrativa. Para Bakhtin, “a interação de vozes em um único contexto discursivo é que cria o ambiente no qual as palavras são compreendidas” (BAKHTIN, 2020, p. 34). Essa perspectiva sobre a importância da polifonia e da interação de múltiplas vozes é corroborada por Morson e Emerson (2023), que afirmam:

Bakhtin sees discourse as a space where multiple voices meet and interact. The construction of meaning is therefore a dynamic process that results from the negotiation between these voices. Rather than a single dominant voice shaping discourse, the interaction between different perspectives and contexts contributes to the formation of meaning (MORSON; EMERSON, 2023, p. 117).

De acordo com Bakhtin (2020), a interação de vozes diversas dentro de um contexto discursivo não apenas enriquece o significado das palavras, mas também molda profundamente a identidade individual. Ele destaca que “cada consciência individual é essencialmente polifônica” (BAKHTIN, 2020, p. 56), ressaltando a complexidade das influências que contribuem para a formação da identidade. Nesse sentido, a citação de Emicida em “Amoras”, ao comparar a protagonista a figuras como Martin Luther King e Zumbi dos Palmares, reflete essa polifonia ao incorporar diferentes discursos e narrativas históricas que influenciam a percepção de si mesma da personagem. Bakhtin enfatiza que a identidade



não é um produto acabado, mas sim um processo contínuo de negociação e interação entre diferentes vozes culturais e sociais que coexistem no discurso.

Essa perspectiva bakhtiniana oferece um panorama conceitual para entender como as figuras históricas mencionadas na citação de Emicida não apenas servem como modelos de comportamento e valores para a protagonista, mas também como elementos que contribuem para a constituição dinâmica de sua identidade. A interação dessas vozes diversas não só enriquece a compreensão da protagonista sobre si mesma, mas também amplia as possibilidades interpretativas e os significados culturais presentes na narrativa de “Amoras”.

Para corroborar o que foi mencionado, Lazar (2020) explora como o discurso pode subverter e redefinir as normas sociais, afirmando que “o discurso é uma prática social que não apenas reflete as condições sociais, mas também tem o potencial de transformar e reconfigurar as relações de poder. Através da valorização de certas características e narrativas, o discurso pode desafiar e redefinir as normas sociais predominantes” (LAZAR, 2020, p. 57).

Gee (2021) contribui para a compreensão da Análise do Discurso Crítica com uma perspectiva que ressoa com as ideias de Fairclough, argumentando que “os discursos têm o poder de construir realidades sociais e desafiar relações de poder. Eles não são apenas representações do mundo, mas forças ativas que podem moldar e mudar as estruturas sociais e as percepções das normas predominantes” (GEE, 2021, p. 88).

Nessa perspectiva, a citação de Emicida em “Amoras”, ao descrever a protagonista como alguém que colhe amoras com determinação e gentileza, desafia narrativas predominantes sobre força e suavidade, contribuindo para a valorização de uma identidade que transcende estereótipos predefinidos.

Fairclough (2023) também argumenta que a Análise do Discurso Crítica deve considerar as dimensões ideológicas e as relações de poder envolvidas na produção e na interpretação do discurso. Ele sugere que “os discursos são lugares de luta ideológica, onde diferentes visões de mundo colidem e são negociadas” (FAIRCLOUGH, 2023, p. 45).

De acordo com Wodak (2020, p. 25), “o discurso é uma arena onde diferentes ideologias se confrontam, e, através dele, palavras e expressões tornam-se espaços de negociação e conflito ideológico, refletindo diversas perspectivas e interesses que são mediadas na interação discursiva”. O autor complementa afirmando que “a Análise do Discurso Crítica revela como os discursos servem como veículos para a luta ideológica, com diferentes visões de mundo em competição. Os discursos não são apenas representações da realidade, mas campos onde as ideologias são disputadas e moldadas” (WODAK, 2023, p. 112).



Dessa forma, a citação de Emicida revela um momento de resistência simbólica, onde a protagonista não apenas colhe amoras, mas também reivindica seu espaço e sua agência, desafiando visões hegemônicas sobre identidade e empoderamento. “Fez as palavras soarem como canto ao brincar com as frutinhas com sabor de acalanto. Me olhou nos olhos muito bem e disse: Papai, que bom, porque eu sou pretinha também!” (EMICIDA, 2018, p. 15-16).

Na análise do diálogo entre pai e filha na citação: “Papai, que bom, porque sou pretinha também!”, podemos identificar um momento crucial de desenvolvimento cognitivo e social da criança. A afirmação da menina Amora expressa não apenas alegria, mas também uma significativa autoaceitação e identificação com a própria cor de pele, evidenciando um aspecto fundamental da construção da identidade infantil. Para Vygotsky (2021), “o desenvolvimento humano é resultado da interação social” (VYGOTSKY, 2021, p. 89), o que sugere que as relações sociais desempenham um papel vital na formação de uma identidade positiva desde a infância.

Além disso, Vygotsky (2022) argumenta que o desenvolvimento humano é influenciado pela intersecção entre a história individual da criança e a história social, moldada pelas experiências pessoais e pela herança cultural. Nesse contexto, a maneira como a criança interage com os outros é crucial para que ela atribua significado ao seu entorno e compreenda seu lugar no mundo. Portanto, o diálogo entre pai e filha não apenas destaca um momento de alegria, mas também serve como um reflexo de como essas interações são determinantes na formação da identidade e na autoimagem da criança.

Vygotsky (2021) também enfatiza que o desenvolvimento humano não ocorre de forma isolada; ele é substancialmente moldado pelas interações sociais e pelos contextos culturais. Ele afirma que “o desenvolvimento cognitivo surge da interação entre as pessoas e o ambiente cultural” (VYGOTSKY, 2021, p. 57). Assim, o diálogo entre pai e filha, exemplificado na história de Emicida em “Amoras”, pode ser visto como um momento significativo de afirmação da identidade, onde a criança expressa sua valorização por sua cor de pele.

Por fim, Vygotsky (2021) destaca o papel das ferramentas culturais e linguísticas na mediação dessas interações, que influenciam a forma como a criança compreende a si mesma e o mundo ao seu redor. Ele ressalta que “a função da linguagem é social antes de ser psicológica” (VYGOTSKY, 2021, p. 34). Nesse sentido, o diálogo entre pai e filha não apenas facilita a comunicação, mas também contribui para a formação da identidade e para a construção do conhecimento. Assim, essa interação se torna uma prática de empoderamento, ressaltando a importância da aceitação e valorização da identidade em um ambiente familiar que celebra a diversidade.

Assim, a citação de Emicida (2018) reflete um momento em que a menina Amora não apenas expressa sua identidade racial com orgulho, mas também internaliza valores culturais e sociais que



promovem a autoaceitação e a valorização de sua própria identidade desde tenra idade. Para Vygotsky, essas interações não são apenas importantes para o desenvolvimento pessoal da criança, mas também para a construção de um senso de pertencimento e de conexão com sua comunidade e cultura.

Assim, a citação de Emicida (2018) ressalta um momento de aprendizado e autodescoberta para a criança, onde a linguagem não apenas comunica significados, mas também estimula uma reflexão sobre identidade e pertencimento cultural. Para Freire, essa dimensão educacional é essencial para a formação de indivíduos críticos e conscientes, capazes de reconhecer e desafiar as estruturas de poder que moldam suas vidas.

Essas análises destacam como as citações de Emicida (2018) não apenas ilustram aspectos essenciais da narrativa, mas também enriquecem a compreensão dos temas de identidade, representatividade e empoderamento à luz das perspectivas teóricas de Vygotsky e Paulo Freire. Cada autor oferece uma abordagem única que contribui significativamente para uma visão abrangente das dinâmicas sociais, culturais e identitárias presentes na obra “Amoras”. Ao integrar essas diferentes perspectivas teóricas, é possível não apenas analisar profundamente a construção da identidade da protagonista, mas também compreender como as interações sociais, o discurso crítico, o desenvolvimento cognitivo e a educação emancipatória são elementos fundamentais na formação de uma narrativa que promove reflexão e transformação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo analisou as citações de Emicida na obra “Amoras”, evidenciando a importância da voz infantil na construção da identidade e na expressão de experiências e emoções. Através da lente das teorias de Vygotsky, Paulo Freire, Bakhtin e Fairclough, foi possível compreender como as interações sociais e culturais influenciam o desenvolvimento cognitivo e a autoimagem das crianças. A narrativa de Emicida não apenas enriquece o entendimento das dinâmicas de poder e representatividade, mas também propõe um espaço de reflexão sobre a singularidade do olhar infantil.

Além disso, a obra destaca a relevância da linguagem poética e expressiva como um meio poderoso de contestação e afirmação de identidade. A presença de referências históricas, como Martin Luther King e Zumbi dos Palmares, enriquece a discussão sobre empoderamento e pertencimento, promovendo uma consciência crítica nas crianças e nos leitores. Isso não só instiga a curiosidade dos jovens, mas também os encoraja a se conectarem com suas raízes e a refletirem sobre seu papel na sociedade.



A obra “Amoras” representa uma contribuição significativa para a literatura infantil ao promover o respeito e a valorização das vozes das crianças em um contexto que frequentemente marginaliza suas experiências. A análise apresentada neste texto sublinha a importância de um ambiente educacional inclusivo que reconheça e celebre a diversidade cultural, além de estimular o diálogo entre diferentes perspectivas. Através da integração das teorias discutidas, ressaltamos a relevância de ouvir e aprender com as narrativas infantis, o que pode facilitar a formação de indivíduos críticos e conscientes, capacitados para transformar suas realidades sociais.

A importância de obras como “Amoras” vai além do âmbito literário, pois essas produções funcionam como instrumento de resistência e empoderamento, oferecendo um espaço em que as crianças podem se ver representadas e compreendidas. Em um contexto social repleto de desafios, a literatura pode atuar como um catalisador para o desenvolvimento de habilidades emocionais e sociais, promovendo a empatia e a solidariedade. Assim, ao fomentar um espaço literário que valoriza as vozes infantis, não apenas enriquecemos a cultura, mas também contribuímos para a formação de uma sociedade mais justa e equitativa.

Por fim, é imprescindível que educadores, pais e responsáveis reconheçam a importância da literatura na vida das crianças e incentivem a leitura de obras que abordam questões sociais relevantes. O engajamento com textos que refletem a diversidade cultural e as experiências de vida é fundamental para que as crianças desenvolvam uma visão crítica do mundo, aprendendo a valorizar suas próprias histórias e as dos outros. Assim, “Amoras” não apenas entrelaça narrativas, mas também abre portas para a construção de um futuro onde cada voz é ouvida e valorizada.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2017.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Editora 34, 2021.

BAKHTIN, M. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. São Paulo: Editora Hucitec, 2006.

BAKHTIN, M. **The dialogic imagination: four essays**. Austin: University of Texas Press, 1981.

BRASIL. **Lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Brasília: Planalto, 2003. Disponível em: <www.planalto.gov.br>. Acesso em: 12/06/2024.

BRASIL. **Lei n. 11.645, de 10 de março de 2008**. Brasília: Planalto, 2003. Disponível em: <www.planalto.gov.br>. Acesso em: 12/06/2024.



CABRAL, S. M. *et al.* “Mulheres negras no mercado de trabalho: estudo de caso no Vale do Sinos/RS”. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 17, n. 51, 2024.

EMICIDA. **Amoras**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2018.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora da UnB, 2023.

FAIRCLOUGH, N. **Language and power**. London: Longman, 2015.

FORTUNATO, I. “Como Paulo Freire (me) ajuda a trabalhar no ofício de professor formador”. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 13, n. 37, 2023.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2022.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1970.

GEE, J. P. **An introduction to discourse analysis: theory and method**. New York: Routledge, 2021.

HOLQUIST, M. **Dialogism: Bakhtin and his world**. London: Routledge, 2022.

LAZAR, M. M. (ed.). **Feminist critical discourse analysis: gender, power and ideology in discourse**. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2020.

MOITA LOPES, L. P. (org.). **Discursos de identidades: discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família**. Campinas: Editora Mercado de Letras, 2003.

MORSON, G. S.; EMERSON, C. **Rethinking Bakhtin: extensions and challenges**. Austin: University of Texas Press, 2021.

TODOROV, T. **Mikhaïl Bakhtine: le principe dialogique**. Suivi de Écrits du Cercle de Bakhtine. Paris: Seuil, 2020.

VAN DIJK, T. A. **Discourse and power**. London: Routledge, 2020.

VYGOTSKY, L. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1998.

VYGOTSKY, L. **Mind in society: the development of higher psychological processes**. Cambridge: Harvard University Press, 2021.

VYGOTSKY, L. S. **Fundamentos de defectologia**. Cascavel: Editora da UNIOESTE, 2022.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2018.

WODAK, R. **Sociolinguística crítica: uma introdução ao estudo do discurso e da ideologia**. São Paulo: Editora Contexto, 2023.

WODAK, R. **The Politics of Fear: The Shameless Normalization of Far-Right Discourse**. Thousand Oaks: SAGE Publications, 2020.



BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano VI | Volume 19 | Nº 55 | Boa Vista | 2024

<http://www.ioles.com.br/boca>

Editor chefe:

Elói Martins Senhoras

Conselho Editorial

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

Conselho Científico

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávoro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima